

## O ENSINO DE EDUCAÇÃO SEXUAL NO SÉCULO DA INFORMAÇÃO

Tiago Leal Barros<sup>1</sup>

Marcelo Ribeiro de Almeida Guedes<sup>2</sup>

### Resumo

O estudo a seguir tem por objetivo identificar como o ensino da Educação Sexual ocorre para os adolescentes e jovens no século da informação, assim como identificar a opinião, dificuldades e desafios dos professores e alunos em relação ao tema. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de caráter descritiva com a utilização de um questionário online para a coleta das informações por parte de professores e alunos. Os dados coletados evidenciaram que apesar de muitos professores abordarem a educação sexual em suas aulas, ainda há um percentual que acredita não ser importante abordar essa temática. Os resultados obtidos também evidenciaram um elevado percentual de alunos que buscam informações sobre educação sexual na internet, contribuindo então para o fomento de informações incorretas e com muitos tabus impostos pela sociedade. Deste modo, o presente artigo evidencia a importância do ensino de educação sexual nas escolas, assim como a realização de projetos, transversalidade e interdisciplinaridade na abordagem da temática.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Ensino Médio. Século da Informação.

## THE TEACHING OF SEX EDUCATION IN THE CENTURY OF INFORMATION

### Abstract

The following study aims to identify how the teaching of Sex Education occurs for adolescents and young people in the information century, as well as to identify the opinion, difficulties and challenges of teachers and students in relation to the subject. The methodology used was descriptive research using an online questionnaire to collect information from teachers and students. The data collected showed that although many teachers address sex education in their classes, there is still a percentage that believes it is not important to address this issue. The results obtained also showed a high percentage of students who seek information about sex education

---

<sup>1</sup>Graduado em Ciências Biológicas pelo UGB/FERP.

<sup>2</sup>Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Volta Redonda.

on the internet, thus contributing to the promotion of incorrect information and many taboos imposed by society. Thus, this article highlights the importance of teaching sex education in schools, as well as carrying out projects, transversality and interdisciplinarity in approaching the theme.

**Keywords:** Sexual Education. High School. Information Century.

## **Introdução**

A adolescência é um período na vida do ser humano que é marcado por muitas mudanças (HESS, 2013). Elas não se resumem apenas nas relacionadas ao organismo, mas também as relações sociais e aos comportamentos que demonstram amadurecimento (MOREIRA, 2008).

Neste período o adolescente passa por mudanças que irão transformar as suas relações interpessoais, bem como sua visão de si e do mundo (GONÇALVES, 2013). Essas transformações tornam a adolescência um período complexo e confuso. (OMS, 1989) As incertezas ocorrem de maneira muito intensa na área sexual, pois o organismo está em intensa atividade e as emoções e relações também. Toda essa incerteza da fase provoca questionamentos que nem sempre são solucionados por uma rede de apoio especializada (HESS, 2013).

As escolas, num contexto geral, não estão abertas a discussões voltadas para a sexualidade (GONÇALVES, 2013). Isso se deve à falta de diálogo entre professor e aluno ou à insegurança do profissional de educação para tratar o assunto que segundo Maia (2009, p. 2) “é essencial a ação de um profissional preparado teórica e tecnicamente.”, sendo essa preparação nem sempre aplicada. Além disso, existe um pré-julgamento da sociedade em relação a esta temática (MOISEZ, 2010). Essa visão pode estar relacionada com a forma como as pessoas adquirem o conhecimento sobre o tema (MOREIRA, 2008). Esta afirmação mostra que os jovens sentem certa segurança para falar sobre o assunto sexualidade na escola.

A justificativa deste trabalho se baseia em dados apresentados em

reportagens e documentários, e também nas observações da localidade que resido, que mostram que os jovens estão começando sua vida sexual cada vez mais cedo e muitas vezes sem a instrução necessária para fazê-la com segurança, além disso, eles têm a internet como fonte de diversas informações que são apresentadas em diversas situações, de forma errônea. A educação sexual nas escolas é uma forma de oferecer informações seguras aos jovens sobre como exercer a sexualidade de forma responsável e saudável, sabendo disso, é necessário que se investigue como as redes de ensino estão lidando com o tema, e se as abordagens estão sendo eficazes tanto do ponto de vista do discente como do docente para propor práticas eficientes.

Este trabalho tem como objetivo investigar como a educação sexual é abordada nas escolas e se ela é eficaz na visão de alunos e professores. Além disso, identificar os conhecimentos dos alunos sobre os temas referentes à educação sexual. A apuração e consolidação dos dados se darão pela verificação da opinião dos alunos em relação à abordagem dos temas na escola; identificação de como os professores abordam o tema e quais as dificuldades encontradas para abordá-lo com a avaliação das respostas de professores e alunos.

## **Fundamentação teórica**

### *Mudanças biológicas e psicológicas da adolescência*

A adolescência se resume num complexo período biológico e psicológico, no qual ocorrem muitas transformações (ROEHRS, 2010). Elas são invisíveis, como o aumento da liberação de hormônios importantes e também visíveis, como o crescimento e maturação do organismo de forma geral (DINIZ, 2010).

Do ponto de vista biológico o controle hormonal é regulado pelo sistema hipotálamo- hipofisário. Os principais hormônios que atuam nesse período do

indivíduo são da classe das gonadotrofinas e são conhecidos como hormônio luteinizante (LH) e hormônio estimulador do folículo (FSH). O LH é responsável pela ovulação na mulher e no homem estimula a produção de testosterona. O FSH por sua vez, atua principalmente na maturação das células germinativas. Pela relação interligada de ambos os hormônios, pode-se afirmar que eles são indispensáveis no amadurecimento das gônadas e conseqüentemente nas mudanças externas dos indivíduos (JARAMILO, 1984).

As mudanças fenotípicas dos indivíduos são decorrentes das alterações hormonais que acontecem nessa fase da vida (SILVA; et al, 2017). Nas mulheres elas se apresentam com o aumento dos “seios, os quadris, a distribuição dos pêlos e ocorre a menarca.” (MOREIRA, 2008). Já nos homens:

O pênis cresce em diâmetro e comprimento; os testículos se desenvolvem; começam a crescer os pelos do rosto (barba), das axilas e de todo corpo; mais ou menos entre os 13 e 14 anos ocorre a primeira ejaculação; (lembrando que cada adolescente tem o seu próprio tempo para que isto acontecer, podendo ser antes ou depois dessa idade); crescimento da laringe; a voz começa a engrossar; entre 11 e 16 anos acontece um crescimento muito rápido em altura (chamado "estirão do crescimento"). (Vivendo a Adolescência, 2021)

Esse amadurecimento físico se dá em decorrência dos hormônios sexuais e sua atuação no organismo (MAAS, 2005). Durante a adolescência, o período compreendido entre os 12 a 18 anos, as mudanças comportamentais também são muito visíveis. Nessa fase, as interações sociais tendem a se tornar mais significativas com o surgimento dos grupos de amigos com interesses em comum, pode-se citar, por exemplo, grupo de skatistas e roqueiros. Nessas comunidades, a atração pelo skate, por exemplo, desperta o companheirismo e em alguns casos as relações afetuosas. Esses convívios sociais são importantes, pois permitem que os jovens criem ligações que podem perpetuar por toda a vida (MOREIRA, 2008).

Segundo Hess (2013) a adolescência “Caracteriza-se, ainda, por ser um

período de instabilidade emocional”, portanto os conflitos familiares tornam-se mais frequentes. Pode-se dizer que existem dois tipos básicos de expressões sentimentais: as internalizantes e externalizantes. Aqueles que desenvolvem a postura internalizante, tendem a ser mais retraídos e não costumam ser agressivos, ou falar sobre o que sentem com os outros ao seu redor. Os externalizantes, por sua vez, são mais agressivos e são propensos a falar mais alto ou discutir com os outros. Em ambos ocorre a desestabilização emocional e a relação com os familiares transforma-se em uma convivência conturbada que pode desencadear desentendimentos e brigas (ROEHRS, 2010).

### *Busca de informações*

A adolescência é um período em que o jovem é bombardeado de informações nas mais diversas áreas. Ao longo dessa fase, a maior parte do dia deles é vivida em uma escola, por isso, ela é a principal fonte de conhecimento para eles. No colégio, existe um conteúdo pré-estabelecido que em muitos casos os professores não podem fazer modificações (HORTA, 2019). Sabe-se que o conteúdo programático das redes de ensino foca na teoria, as vivências não são consideradas em muitas situações. Por isso, os adolescentes tendem a buscar outras formas para a obtenção de conhecimento, como a internet e os amigos. (VASCONCELOS, 2003).

A família deveria ser o berço de informações sobre sexualidade, visto que é neste âmbito que os indivíduos deveriam ter uma abertura maior, ou seja, conversas para o debate do tema, ou no mínimo receber noções sobre a temática. Entretanto, de acordo com Gomes (2002, p. 302) “de maneira geral, o adolescente não recebe na família informações que envolvam a saúde.” Por este motivo, o adolescente busca em outras redes de contato, entretanto, nem sempre essas informações são adequadas e corretas.

Outra ferramenta utilizada pelo adolescente é a internet. Ela desde sua

criação está sendo aprimorada e se torna cada vez mais presente na vida das pessoas. A web é uma ferramenta extremamente importante para o acesso ao conhecimento, todavia, as informações nela contidas muitas vezes não são confiáveis e este meio pouco seguro é o lugar onde o jovem busca esclarecimento (SILVA, 2014). Isso pode ser explicado pela facilidade de acesso e também pela sensação de proteção, pois a internet oferece a impressão de poder e liberdade de escolha (GUIMARÃES, 2015). De certa forma, esta visão da rede não está errada, porém é necessário um olhar crítico e atento para as informações buscadas.

Um jovem que está no processo de formação de suas opiniões deveria ter uma fonte mais confiável para obtenção de respostas do que a internet, e é neste ponto que a educação sexual deveria atuar.

### *O papel da educação sexual*

A educação sexual é uma ferramenta para a conscientização do adolescente e da criança sobre seu corpo e o exercício positivo da sua sexualidade. A discussão de temas relacionados à educação sexual na escola possibilita a criança e o adolescente compreender o próprio comportamento e as relações que o cerca. Tendo em vista sua importância, essa instrução devem ser consideradas um direito e assim, ser executado (GONÇALVES, 2013). Além disso, jovens expostos a um ambiente seguro de diálogo aberto sobre corpo, sexualidade e relações, podem superar com mais facilidade problemas cotidianos e manter uma vida mais saudável (BEAL et al., 2014).

Segundo Marine (2010), mestre em psicologia escolar, a educação sexual quando bem aplicada leva os “indivíduos a iniciar a vida sexual com mais cuidado e mais tarde, além de escolherem cuidadosamente os parceiros e se prevenirem em suas relações sexuais.” Pode-se afirmar que o bom tratamento do tema traz benefícios não apenas imediatos como também em longo prazo, visto que muitas infecções sexualmente transmissíveis (IST’s) são descobertas apenas quando se

agravam, o que pode levar muitos anos. Além da questão das IST's, existe também a vertente da gravidez na adolescência.

As IST's se mostram atualmente como um grande problema de saúde pública. Elas tendem a ser comuns em grupos de indivíduos e em faixas etárias menos informadas sobre elas e sobre seus problemas, que é justamente os jovens (MOIZES, 2010). Dentro do grupo das IST's, Ciriaco (2019) cita as mais comuns: dados estatísticos demonstram que pelo menos um terço dos 30 milhões de pessoas que vivem com HIV/AIDS no mundo são jovens da faixa etária de 10 a 24 anos de idade. Ao ano, calculam-se aproximadamente 357 milhões de novas infecções, entre clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase.

Segundo dados da OMS, hoje, grande parte dos adolescentes inicia a vida sexual cada vez mais cedo, entre os 12 e os 17 anos. Sabe-se de que o uso da camisinha é o meio mais eficaz para a prevenção das IST, permitindo práticas sexuais seguras.

A gravidez precoce que ocorre na adolescência tem o seu percentual de ocorrência reduzido a partir do início do século XXI (HORTA, 2019). Este dado, porém, não é totalmente positivo, pois ainda há muitos casos de maternidade na adolescência. Quando isso ocorre, a menina é praticamente obrigada a abandonar os estudos. Esta prática perpetua um ciclo vicioso que também reflete em dependência financeira e/ou incapacidade de o indivíduo manter-se com o salário que recebe, visto que a falta do término dos estudos tem conexão, em muitos casos diretamente com esta situação (HORTA, 2019).

A educação sexual auxilia o ensino dos jovens permitindo a obtenção de conhecimento em um ambiente mais seguro para eles. Ela também melhora o entendimento dos problemas relacionados a relações sexuais desprotegidas. Além disso, ela é importante para que os jovens compreendam a vasta diversidade sexual existente atualmente e como é de caráter essencial respeitar toda e qualquer diversidade (MOIZES, 2010).

Como em qualquer abordagem de assuntos é necessária à capacitação do profissional designado para cumprir aquela função (MOIZES, 2010). Portanto não

basta somente assegurar o debate de orientação sexual, é necessário capacitar pessoas para realizar esse trabalho de maneira crítica e reflexiva, perpassando por diversos temas pertinentes a sua função. Para isso é necessário investimento teórico e técnico dos profissionais envolvidos (RIBEIRO, 2009). Para isso, torna-se imprescindível a atuação do governo com incentivos para a formação de profissionais capacitados.

### *Reflexões dos PCN e BNCC sobre a educação sexual*

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram publicados pelo MEC (Ministério da Educação) por meio da Secretaria de Educação Fundamental, em 1997, já a BNCC (Base Nacional Comum curricular) foi homologada em 2017 também pelo MEC. Para compreender a importância dessas duas diretrizes, primeiro é necessário entender o que elas são.

Os PCN “constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País.” (MEC, 1997, p.13). Ou seja, todas as escolas do país devem seguir as determinações do documento. De acordo com o MEC os PCN são flexíveis de acordo com as diferentes características regionais promovendo assim a valorização cultural. Além disso, o MEC também pontua que com este pensamento adaptável, o sistema de educação do País direciona o processo de construção da cidadania nos estudantes.

Em relação à Educação sexual e também ao tema sexualidade, os PCN possuem um documento direcionado a este tema, ele se encontra no Volume 10.

Segundo os PCN, a orientação sexual na escola é entendida como atividade transversal, perpassando todos os níveis de ensino e disciplinas ou atividades escolares, já que se trata de uma questão inerente ao ser humano, construída coletiva e socialmente ao longo do seu desenvolvimento e moldada nas suas relações. Sendo assim, o documento orienta que a sexualidade deve ser trabalhada de duas formas: dentro da

programação pedagógica, por meio de conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e em extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema”. (FURLANETTO; et. al., 2018)

O tema é tratado como “tema transversal nos currículos, isto é, discorre sobre o papel e a postura do educador e da escola, descrevendo, para tanto, as referências necessárias a melhor atuação educacional ao se tratar do assunto, trabalho que se diferencia do tratamento da questão no ambiente familiar.”. Ou seja, por meio desta afirmação do MEC pode-se dizer que o sistema educacional do país na época necessitava de parâmetros nacionais para tratar desse assunto. Ainda é informado que deve se dialogar sobre a temática desde o ensino fundamental. Isto é corroborado pela afirmação do MEC (1997, p.73) “a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano”.

Durante muitos anos do século XX discutiu-se que havia a necessidade de uma padronização dos currículos nacionais para garantir o direito da aprendizagem para os alunos da educação básica, além disso, padronizar também as normas pedagógicas a serem aplicadas. Ao longo da década de 2010 os passos para a definição da BNCC foram cada vez mais frequentes até que em 2017, com a LEI 13.415/2017, a legislação nacional incorporou alguns preceitos da BNCC para indicar as finalidades da educação no Brasil (BRASIL, 2018). Finalmente em 2018 o documento final é publicado e a partir desse momento, as escolas e suas práticas pedagógicas devem se alinhadas as diretrizes da BNCC.

A BNCC assim como os PCN, foi criada devido à necessidade de um currículo único para todos os estudantes que segue uma ordem pré-definida e avança de forma contínua (BRASIL, 2018). A capacitação dos profissionais de educação também estava prevista pela BNCC, como afirma Franco (2018, p.161) em: “começaria o processo de formação dos professores” e a “elaboração e adequação dos currículos escolares” nos sistemas de Educação estaduais e municipais.”. Essas premissas tornaram a BNCC um grande marco na história da

educação brasileira.

A BNCC determina que o tema sexualidade deve ser tratado como área do conhecimento de Ciências da Natureza, disciplina de Ciências. No ensino fundamental a temática é tratada no 8º ano na Unidade temática de Vida e Evolução. Existem quatro habilidades básicas determinadas pela BNCC:

(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso. (EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). (EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção. (EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética). (BRASIL, 2018, p.349)

A partir das habilidades almeçadas pode-se perceber a preocupação da BNCC com a educação sexual tendo o foco nas doenças e infecções relacionadas às práticas sexuais sem proteção. Muitas vezes é nessa faixa etária que os adolescentes iniciam suas vidas sexuais, que é considerada por muitos como precoce e, portanto, é importante que eles conheçam os perigos associados às práticas sexuais desprotegidas (SILVA, et al. 2015).

De maneira geral a maior parte das habilidades presentes na BNCC é focada sim na temática de infecções sexualmente transmissíveis, porém as múltiplas dimensões da sexualidade humana também são apontadas e devem ser trabalhadas (BRASIL, 2018). Quando se analisa as dimensões da sexualidade, um leque de informações se apresenta. Dentro de sala de aula os quatro aspectos definidos na BNCC devem ser tratados. A questão biológica em diversos currículos é a mais abordada, principalmente quando se estuda os sistemas reprodutores. Nela são apresentadas as morfologias básicas dos componentes da região, além

de ter a fisiologia dos mesmos evidenciados.

Em relação à sexualidade sociocultural e afetiva a BNCC dá foco as relações de construção de experiências sexuais, porém não se especifica detalhes sobre como a diversidade sexual deverá ser trabalhada. Por isso uma lacuna pode existir no direcionamento do corpo docente para o diálogo dessa perspectiva. Já em relação à parte ética, a BNCC é bem clara e defende que se deve auxiliar os alunos a construir um sentido de responsabilidade para valorizar: os direitos humanos; o respeito ao ambiente e à própria coletividade (BRASIL, 2018).

Observa-se, portanto que a BNCC assim como os PCN entende a importância da educação sexual nas escolas, porém se diferenciam, pois os PCN direcionavam o ensino de forma transversal, já a BNCC tem o foco na disciplina de ciências.

## **Metodologia**

A proposta neste trabalho foi construída por meio de uma pesquisa descritiva que utilizou questionários, no formato de um formulário online. A coleta de dados foi baseada em dois questionários cada um para um grupo específico. Um dos questionários foi aplicado em três turmas de ensino médio totalizando 72 alunos participantes. O outro, com questões voltadas para os professores de ciências biológicas, foi aplicado para esses profissionais, totalizando 12 participações.

### *Confecção dos questionários*

As perguntas foram confeccionadas a partir de observações de situações cotidianas, nas quais se constatou as ideias discrepantes sobre o assunto de sexualidade nas salas de aula.

Com esses pontos alinhados, as matrizes temáticas das perguntas foram definidas também levando em consideração as competências presentes na BNCC

e o PCN. Os questionários foram confeccionados no Google Forms sendo utilizadas questões objetivas, sendo 8 para os professores e 12 para os alunos, e questões discursivas, sendo 5 para os professores e 2 para os alunos. O questionário dos alunos tem 14 questões, e o dos professores tem 13 questões.

#### *Aplicação dos questionários*

O questionário foi aplicado virtualmente para professores formados, residentes nas cidades de Volta Redonda e Barra Mansa, no Estado do Rio de Janeiro. Durante a marcação das respostas os indivíduos tiveram total liberdade para a escolha das respostas, assim como demonstrar sua opinião única nas questões discursivas.

O outro questionário voltado para os alunos foi aplicado, também de forma virtual, para alunos das cidades de Volta Redonda e Barra Mansa. Durante a escolha das respostas que mais se assemelham as suas opiniões, os alunos tiveram total liberdade para suas marcações.

#### *Análise dos dados coletados*

Após a coleta dos dados recolhidos, os mesmos foram tabulados no programa Microsoft Word de forma quantitativa e também apresentados de forma gráfica pelo próprio resumo de respostas do Google Forms que auxiliou na tabulação.

No caso das questões objetivas, as respostas foram tabuladas de forma percentual, já nas questões discursivas, foi necessário agrupar as respostas de acordo com o direcionamento delas. Ou seja, respostas discursivas de indivíduos diferentes com opiniões semelhantes foram agrupadas. O artigo pode conter referencial teórico (revisão de literatura), metodologia, apresentação de resultados, análise e interpretação dos resultados, recomendações e/ou sugestões para o avanço do estado atual da questão.

O desenvolvimento do artigo poderá ser dividido em tópicos de acordo com o tema e a organização do autor.

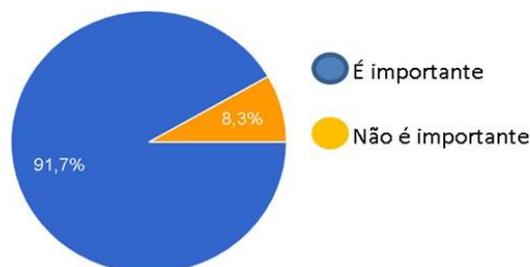
## **Resultados e discussões**

### *Questionário dos professores*

No questionário, as duas primeiras questões visaram coletar, dos participantes, a idade e o ano que concluíram a graduação em ciências biológicas. Analisando a idade dos professores participantes, observa-se a faixa etária de 34 a 46 anos o que mostra uma idade média de 36 anos. Já o ano de conclusão da graduação se concentra nos anos 2000. Esse dado é sugestivo que em sua formação possivelmente foi contemplado as orientações dos PCN e alguns aspectos que constam da BNCC.

A posição dos professores em relação a importância do ensino de educação sexual em sala de aula foi muito presente ao longo do questionário. Nas respostas é possível verificar que para 91,7% dos professores a necessidade de trabalhar o tema em sala de aula é importante. Isto corrobora com a ideia de Gonçalves (2013, p. 258) demonstrando que “é de extrema importância que as questões correlatas à sexualidade sejam tratadas na escola.” Entretanto, a fatia de 8,3% apresenta uma parcela muito grande de profissionais que não sentem a necessidade para tratar o assunto em sala. Isto mostra que existe certo medo e/ou preconceito dos próprios professores para falarem sobre o tema em aula fato que pode ser observado quando foram questionados sobre quais os maiores desafios. Este fato pode levar a falta do ensino do tema por parte desses profissionais que em um espectro geral, ou seja, considerando todas as escolas, indica uma grande quantidade de alunos sem o ensino do tema em sala de aula. (Gráfico 1).

Gráfico 1. A opinião dos professores sobre a importância da educação sexual ser trabalhada na escola.



Fonte: Pesquisa dos Autores

As escolas de atuação dos professores participantes da pesquisa, na maior parte (83,3%) são da rede pública e 8,3 % alegam trabalhar na rede privada, esse percentual se repete para aqueles que atuam em ambas as redes de ensino. Em outra questão, o percentual de 83,3% se repete, porém nessa situação esse valor se refere as escolas que não possuem no currículo mínimo um projeto global para a tratativa do tema, podendo ser o motivo para os professores se restringirem apenas aos conteúdos básicos. Isso vai contra a fala de Gonçalves (2013, p. 259) que explicita que a “instituição educacional reconheça que a educação sexual emancipatória não se restringe ao mero aprendizado dos aspectos anatômicos e biológicos do corpo humano”. Observa-se, portanto, que mesmo aqueles profissionais que se dispõem a tratar sobre o assunto em sala acabam sendo limitados pelo fato de a escola não possuir um projeto claro e bem definido para a abordagem do tema.

Assim como nos resultados acima, se pode perceber que o percentual de professores que dizem que a escola/currículo incentiva apenas a elucidação do subtema “infecções sexualmente transmissíveis” é o mesmo daqueles que trabalham na rede pública, ou seja, 83,3% das respostas. Isto mostra novamente como a escola pública ainda sofre com a falta do incentivo do currículo, que é determinado pela autarquia de educação responsável, e que não explora os demais âmbitos da temática. É importante ressaltar que o percentual de 83,3% que se

repete em alguns questionamentos se refere as respostas dos mesmos profissionais, ou seja, são o conglomerado de respostas das mesmas pessoas que permitiram chegar à totalidade de 83,3%.

A disposição do profissional indica sua confiança para tratar a temática e 75% deles se sentem confortáveis para falar sobre: Infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, relação com o próprio corpo, exercício da sexualidade e relações. Porém 25% deles se dizem confiantes apenas sobre a temática de infecções e doenças sexualmente transmissíveis o que mostra novamente certo melindre que os profissionais possuem para falar sobre educação sexual, visto o tabu que o tema sofre.

Pode ocorrer que o profissional não tenha total confiança para falar sobre as demais temáticas, além de IST's em sala, porém acha importante que os alunos fossem apresentados as demais vertentes do tema, nesse caso a falta e capacitação adequada pode causar certa falta de segurança pelo profissional. Isso se reflete justamente dentro do universo dos 25% dos profissionais, onde 58,3% deles indicam que a escola deveria trabalhar sobre os seguintes temas: infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos, relação com o próprio corpo, exercício da sexualidade e relações. Por meio dessas repostas e da observação do gráfico 2 pode-se perceber que mesmo quando há a disponibilidade do professor existem dificuldades, principalmente devido ao olhar ainda preconceituoso da sociedade, conforme afirma Furlanetto (2018, p.563) em "a dificuldade em trabalhar a educação sexual está relacionada com a própria constituição histórica da sexualidade".

Gráfico 2. Segundo os professores, esses são os temas que a escola deve abordar.



Fonte: Pesquisa dos Autores

Torna-se visível a interferência da família de forma direta, ou indireta e também os tabus da sociedade de forma negativa sobre o trabalho dos professores na tratativa do tema sexualidade nas escolas. Muitos citam também a religiosidade como outro empecilho. Já outro citou os alunos como dificuldade em “Timidez de alguns alunos, interesse exacerbado em outros.”. Isso se torna bem relevante quando os professores são questionados sobre “os desafios que enfrentam para trabalhar a educação sexual”. Para 75% dos professores há sim interferência, porém ainda existe 25% das respostas que indicam “não haver nenhuma interferência externa” no processo. Essa resposta pode indicar certo avanço da sociedade, de uma forma geral, em relação à temática, porém a família, a religiosidade e a sociedade ainda são realmente os maiores empecilhos.

Na questão discursiva que busca entender as metodologias usadas tem respostas bastante variáveis. As metodologias usadas são consideradas padrões. Partem do mais tradicional, que usam apenas o livro didático, passando por aqueles que usam aulas expositivas, slides e grupos de debate, até aqueles que usam metodologias ativas para a tratativa do tema. Porém segundo a ideia de Moizés (2010) o ideal seria que os professores seriam capazes de “criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégias de informação, de reflexão e de debate de ideias”, portanto pode-se dizer que utilizar somente o livro didático não seria o ideal, visto que o debate de ideias é importante em sala.

Por meio do questionário aplicado para os professores pode-se corroborar a

ideia de Moizés (2010) que diz:

Por este assunto ter sido velado, ao longo dos tempos, resultando em concepções da sexualidade relacionados à obscenidade, a algo sujo, pecaminoso e proibido, negou-se aos jovens a educação sexual, dificultando as orientações necessárias à promoção da saúde sexual das pessoas. (MOIZÉS, 2010)

Ou seja, devido a repressão da sociedade para o assunto ser de certa forma esquecido, uma nova geração surgiu com aversão à temática. Porém no século da informação a necessidade de conhecer o próprio corpo e também as vertentes relacionadas a sexualidade se tornam cada dia mais necessárias.

#### *Questionário dos alunos*

Os adolescentes participantes do questionário abrangem a faixa etária de 15 a 18 anos (DINIZ, 2010). A maior parte deles cursa o segundo ano do ensino médio e pertencem à rede privada de ensino.

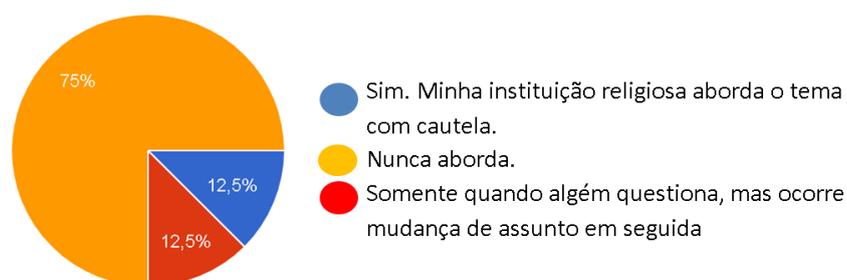
Torna-se importante na análise das repostas, a opinião dos alunos em três questões que referentes à naturalidade para conversar sobre: Corpo, IST's e Métodos Contraceptivos, Sexualidade e Relações Sexuais. Em todos eles cerca de 20% dos participantes diziam "Não, prefiro não conversar sobre esses temas na escola". Isso mostra exatamente a percepção dos professores e também dos autores citados ao longo desse trabalho. Já quando se fala em IST's e Métodos 61,1% dos alunos dizem que podem falar com toda a turma e professores, os demais citam o grupo de amigos como fonte de obtenção de informações.

E quando foram questionados sobre as temáticas relacionadas ao corpo 61,9% dizem "Sim, mas apenas com meu grupo de amigos.". Conforme diz Gonçalves (2013, p.252) "tem sido percebida nos últimos anos a necessidade do envolvimento da família e da escola no processo de educação sexual dos adolescentes.". Esta afirmação corrobora as respostas dos alunos que citam

somente a escola como fonte de obtenção de informações e também aquelas que dizem que é necessária a conversa apenas com a família. Nesses casos o entrosamento da escola com a família é bastante importante para a construção do conhecimento com os jovens.

O Hábito de conversar sobre sexualidade e temas anexos fora do ambiente escolar também foi questionado. O ambiente casa e instituição religiosa foram abordadas, assim como, rodas de conversas com amigos. Em instituições religiosas, conforme o gráfico 3, 75% dizem não falarem sobre, já nas casas essa taxa sobe para 41,7%, e com os amigos 65,3% dizem falar apenas com eles.

Gráfico 3. Nível de abertura das instituições religiosas sobre o tema sexualidade



Fonte: Pesquisa dos Autores

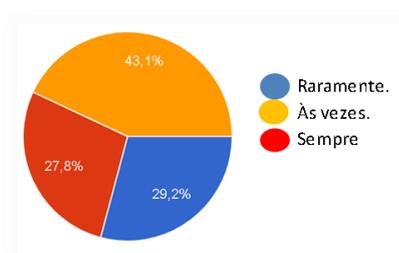
Como pode ser observado em sala de aula, onde muitas vezes as dúvidas são “respondidas” no próprio grupo de amigos, segundo a afirmação de Beal (2014), essas informações são “muitas vezes limitadas e inadequadas, provenientes, principalmente, de amigos e de pessoas pouco preparadas para tal função.” Portanto é de grande importância o ensino da educação sexual por profissionais capacitados.

Como muito falado ao longo deste trabalho a pesquisa abordou a questão da internet e também sobre a confiança dos indivíduos em relação às informações obtidas nessa rede.

Conforme o gráfico 4, se considerarmos aqueles que responderam sim e às

vezes, 70,9% dos alunos dizem pesquisar com frequência sobre temas da sexualidade e afins na rede, porém a maioria afirma ser necessário pesquisar em sites confiáveis e talvez em mais de uma fonte para a obtenção de respostas.

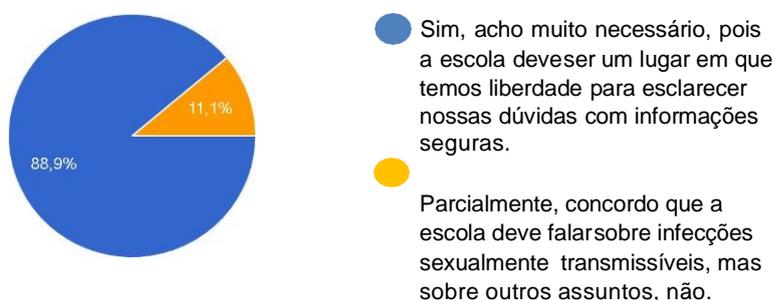
Gráfico 4. Busca online de informações pelos alunos sobre sexualidade



Fonte: Pesquisa dos Autores

Alguns citam que não é o local ideal e dizem que a escola com os professores que “entendem do assunto” é a melhor forma para a obtenção de respostas, porém a grande maioria ainda usa a internet como forma principal de acesso as informações sobre sexualidade. Ao mesmo tempo em que citam a escola, e 88,9% deles dizem ser importante que o assunto seja trabalhado na escola e 11,1% consideram que o tema deve ser abordado apenas de forma parcial, abordando as IST’s apenas, conforme gráfico 5.

Gráfico 5. A importância, segundo os alunos, para aprender sobre educação sexual e sexualidade



Fonte: Pesquisa dos Autores

A totalidade das respostas, ou seja, 100% deles dizem não haver na escola projetos sobre educação sexual, portanto o ensino da educação sexual se resume apenas nas aulas de biologia. Isto é um dado relevante, pois corrobora os professores que indicam que não há incentivo das escolas para a tratativa do tema, além de revelar que a educação sexual é muito mal desenvolvida nas escolas. Esta afirmação dos alunos vai em direção contrária a afirmação de Gonçalves (2013, p. 258) que utiliza as premissas dos PCN em “Nas escolas, a educação sexual deve ser viabilizada, por meio de orientações sexuais em forma de tema transversal, estando, inclusive, inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).”

Por meio dos questionários aplicados para os alunos pode-se corroborar a ideia de Moizés (2010) que diz:

O trabalho deve ter a característica de partir das dúvidas das crianças e jovens dos temas por eles emergentes. Cada grupo de jovens tem suas particularidades e interesses. Assim sendo, entendemos que a Educação Sexual deve ser conduzida e preparada por alguém que seja do agrado e da confiança do contingente infanto-juvenil. Trata-se de um processo lento de conquista. (MOIZES, 2010)

Percebe-se pelas respostas no questionário que os alunos se sentem de certa forma confortáveis para que o assunto de educação sexual seja abordado em sala, assim como eles também têm mais confiança nas informações obtidas dentro da escola.

### **Considerações finais**

De acordo com os resultados apresentados ao longo do trabalho foi possível compreender a importância do ensino da educação sexual nas escolas. Este fato é corroborado pela BNCC que atribui à área de Ciências da Natureza (Biologia) a responsabilidade principal em versar sobre a temática, porém não exclusiva a este

componente curricular.

Ao longo dos resultados dos questionários é possível concluir que as escolas não possuem projetos transversalizados para o ensino da temática. Porém em sentido contrário à visão das escolas, os profissionais da educação e os alunos se sentem confortáveis de maneira geral para tratar o assunto. Torna-se importante ressaltar que os tabus da sociedade ainda influenciam os pensamentos dos adolescentes que em muitos casos preferem não discutir o tema em sala e faz-se necessário buscar suas informações na internet, que para muitos dos estudantes as informações fornecidas por ela não são totalmente confiáveis.

As metodologias de ensino utilizadas pelos professores em sua maioria são baseadas em aula expositivas com apresentações em slides e/ou vídeos. E em alguns casos, apenas a utilização dos livros didáticos é trabalhada. Isso mostra que avanços metodológicos poderiam acontecer, porém isso pode ser impossibilitado pela estrutura precária de diversas escolas.

Observa-se também que a utilização de fontes presentes no século da informação, como a própria internet é subutilizada e o conhecimento acaba ficando restrito às informações fornecidas por livros e/ou manuais antiquados. Isso direciona o olhar novamente a posição das escolas para melhorar a abordagem do assunto e torna-la mais presente no cotidiano dos alunos.

Portanto em relação ao questionamento principal deste trabalho “O ensino da educação sexual no século da informação” é possível concluir que a educação sexual nas escolas poderia estar em um nível mais avançado com maior apoio das escolas e também da comunidade, que inclui as famílias. Além disso, a participação dos alunos com suas dúvidas também torna este processo orgânico e mais interessante para eles.

## Referências

BEAL, Felipe. ET al. **Projeto LOGOS – educação sexual em escolas de ensino médio**. V. 11, n. 17. Florianópolis: UFSC, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CIRIACO, Natália Lopes Chaves; et. al. A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. v. 18, n. 1, p. 63-80. Curitiba: **Revista em Extensão**. 2019.

DINIZ, Larissa Raposo. **Um espelho para se contemplar: a adolescência em discursos de adolescentes da zona rural**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2010.

FRANCO, Luiz Gustavo; Munford, Danusa. Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular: Um olhar da área de Ciências da Natureza. 36(1), 158-171. Itatiba: **Revista Horizontes**. 2018.

FURLANETTO, Millene Fontana; et. al. Educação sexual em escolas brasileiras: Revisão sistemática da literatura. V.48 n.168 p.550-571. **Cadernos de pesquisa**. 2018.

GALIAN, Cláudia Valentina Assumpção. Os PCN e a elaboração de propostas curriculares no Brasil. v.44 n.153 p.648-669. **Cadernos de Pesquisa**. 2014.

GOMES, Waldelene de A. et al. **Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes**. v. 78, n. 4, pp. 301-308. Porto Alegre: *Jornal de Pediatria*. 2002.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. **Educação Sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**. v. 5, p. 251-263. HOLOS, [S.I.]. 2013.

HESS, Adriana Raquel Binsfeld; FALCKE, Denise. Sintomas internalizantes na adolescência e as relações familiares: uma revisão sistemática da literatura. V. 18, n. 2, pp. 263-276. São Paulo: **Psicologia Revista**. 2013.

HORTA, Livia Correia. Vivências da sexualidade na adolescência e seus impactos

sobre a relação dos (as) adolescentes com a escola. V. 5, n. 10, p. 18418-18439. Curitiba: **Brazilian Journal of Development**. 2019.

JARAMILO, U. Roberto. Adolescência. **Revista Colombiana de Obstetricia Y Ginecologia**. 1984.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; HEREDERO, Eladio Sebastian; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Sexualidade e educação sexual na formação do professor de ensino fundamental na Espanha: notas preliminares de pesquisa**. São Paulo: UNESP. 2009.

MAAS, Tânia; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. **Transição de saúde-doença do ser adolescente hospitalizado**. V. 10, n. 2. Cogitare Enfermagem, [S.I.]. 2005.

MOIZES, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. V. 44, n. 1, pp. 205-212. São Paulo: **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]. 2010.

MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. ET al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. V. 42, n. 2, pp. 312-320. São Paulo: **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]. 2008.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Saúde Reprodutiva de Adolescentes: Uma Estratégia de Ação**. Suíça: Genebra, 1989.

ROEHRS, Hellen; MAFTUM, Mariluci Alves; ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental. V. 44, n. 2, pp. 421-428. São Paulo: **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]. 2010.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 79p

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 110p

SILVA, Andressa M. Becker da; SILVA, Mariana L. Becker da; ENUMO, Sônia R. Fiorim. Relações entre o hormônio cortisol e comportamentos de adolescentes: Uma revisão sistemática. Volume 26, n.2, 337-362. São Paulo: **Psicologia Revista**. 2017.

SILVA, Aniel de Sarom Negrão; ET al. **Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil.** Belém do Pará: Universidade Federal do Pará. 2015.

SILVA, Luanna Matias da Silva; SILVA, Marianne Facundes da; MORAES, DulcimaraCarvalho. A internet como ferramenta tecnológica e as consequências de seu uso: aspectos positivos e negativos. Fortaleza: **Revista Científica Semana Acadêmica.** 2014.

VASCONCELOS, Clara; PRAIA, João Félix; ALMEIDA, Leandro S. Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução à aprendizagem. V. 7, n. 1, pp. 11-19. São Paulo: **Psicologia Escolar e Educacional.** 2003.

Mundo Sustentável. GUIMARÃES, Cláudia. **A internet nos dá a falsa sensação de estarmos no controle das nossas vidas.** 2015. Disponível em: <https://mundosustentavel.com.br/a-internet-nos-da-a-falsa-sensacao-de-estarmos-no-controle-das-nossas-vidas>. Acesso em: 02 dez. 2020.

Revista Educação. MARINE, Eduardo. **Benefícios e dificuldades de implantar projetos de educação sexual nas escolas.** 2019. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2019/11/13/projetos-educacao-sexual-escolas>. Acesso: 02 dez. 2020.

**Vivendo a Adolescência. Corpo do Menino.** 2021. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/corpo-do-menino>. Acesso em: 08 ago. 2021.